

MULHERES PARAGUAIAS, UMA PERSPECTIVA DE ESTUDO A PARTIR DO RECENSEAMENTO DE 1890

*Maria Adenir Peraro**

*Quelce Queiroz dos Santos***

RESUMO

Este trabalho refere-se ao estudo das mulheres paraguayas imigrantes, a partir da análise de algumas categorias como nacionalidade, estado civil, instrução e profissão dessas mulheres no período pós-guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), tendo como fonte dois livros manuscritos localizados no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT), referentes ao Recenseamento demográfico de 1890 dos Distritos da Sé e de São Gonçalo de Pedro II, da cidade de Cuiabá, MT.

ABSTRACT

This work deals with the study of immigrant Paraguayan women, based on an analysis of some categories such as nationality, marital status, education, and profession during the post- War of the Triple Alliance (1864-1870) period, utilizing two manuscript books located in the Public Archives of the State of Mato Grosso, Brazil (APMT – Arquivo Público do Estado de Mato Grosso) as sources, relating to the 1890 Demographic Census of the Districts of Se and São Gonçalo de Pedro II, in the city of Cuiabá, MT, Brazil.

O objetivo da presente pesquisa era de apresentar resultados preliminares a respeito do levantamento sobre a população feminina em Cuiabá, recenseada em 1890, porém, no decorrer

* Dr^a em História das Populações pela Universidade Federal do Paraná; Prof^a do Programa de Mestrado em História da UFMT.

** Graduada no Curso de Licenciatura e Bacharelado em História da UFMT, bolsista PIBIC por 4 anos.

do trabalho, e, diante do expressivo número de mulheres paraguaias presentes no Censo, esse objetivo foi-se alterando. Ou seja, as mulheres paraguaias passaram então a ser o objeto principal da pesquisa. A idéia de fazer um trabalho sobre as mulheres imigrantes paraguaias em Cuiabá surgiu, então, com o estudo do recenseamento de 1890, nos 1º e 2º Distritos, ou seja, Sé e São Gonçalo de Pedro II respectivamente, desta cidade.

Ao fazer a leitura dos dados censitários, foi constatado um grande número de paraguaias aqui residentes, principalmente levando-se em consideração a escassez numérica de imigrantes de outras nacionalidades. Embora Maria Adenir Peraro (2001) já tenha escrito um artigo sobre essas mulheres, utilizando essa mesma documentação, aspectos que não foram por ela privilegiados me chamaram a atenção, como por exemplo, a classificação de cor dessas mulheres, ou seja, a diferenciação delas como brancas e pardas e suas particularidades. Neste sentido, o objetivo aqui será analisar as mulheres paraguaias ressaltando aspectos relacionados à cor e ao estado civil.

Este é um ponto fascinante da profissão de historiador, a possibilidade de várias análises e múltiplos olhares sobre uma mesma documentação. A possibilidade de fazer uma história, como denominou Jim Sharpe, *A história vista de baixo*, ampliou os limites de pesquisa do historiador ao:

abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão freqüentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história (SHARPE, 1992, p. 41).

Neste sentido, as estatísticas e os dados demográficos são grandes aliados da análise dessa *história vista de baixo*, seja dos homens e mulheres pobres, dos vencidos, dos analfabetos, das mulheres, dos excluídos e, de forma geral, da própria história tradicional. Segundo Botelho (1994, p. 15), os estudos da Demografia Histórica no Brasil só se desenvolveram realmente a partir

de 1970, e foi baseada na *difusão das técnicas francesas de trabalho com a demografia da Europa Moderna, em especial as técnicas de reconstituição de família* (Botelho, 1994, p. 15). No Brasil, vamos ter dados considerados demográficos, confiáveis, a partir de 1872, com a realização do Primeiro Recenseamento Geral do Império deste mesmo ano, e o recenseamento realizado em 1890. Anteriores a este período, os registros paroquiais serão de grande importância para a Demografia Histórica.

Encontra-se no Arquivo Público de Mato Grosso (APMT) dois livros manuscritos com dados censitários do ano de 1890 de dois distritos do Estado de Mato Grosso, do 1º Distrito (Sé) e do 2º Distrito (São Gonçalo de Pedro II). Tais livros se apresentam em bom estado de conservação, embora o livro de recenseamento do 2º Distrito esteja incompleto, faltando as primeiras páginas, iniciando na numeração 898, o que significa que estão faltando 897 indivíduos recenseados. Foram recenseados 6.836 pessoas no 1º Distrito e 2864 no 2º Distrito, sendo que, devido ao fato de estarem faltando algumas páginas, neste último trabalharemos apenas com 1964 indivíduos, soma dos números encontrados.

Através da Legislação Básica do recenseamento de 1890¹ e das instruções nela contida, notamos que os dados encontrados nos dois livros citados não coincidem totalmente com as exigências oficiais. Por exemplo, era exigido na referida legislação os quesitos filiação e a nacionalidade paterna e materna. Quanto às relações de família, por sua vez, era exigido, o ano do casamento, o número de núpcias, o grau de parentesco do casal, caso sejam parentes, no entanto, esses dados não constam nos livros manuscritos. A origem desses livros torna-se então uma questão a ser levantada por parte dos pesquisadores. Tais livros fazem parte do recenseamento oficial de 1890? Se não, por ordem de quem foram levantados esses dados? Com que finalidade? Essas são questões que se tornam necessárias sanar no decorrer da presente pesquisa.

Todavia, encontramos nesses livros dados que podem nos ajudar a reconstituir, mesmo que não seja de maneira completa,

1 Legislação Básica dos Recenseamentos de 1872 e 1890, 1951.

o cotidiano dessas mulheres. Além do nome, idade, cor, nacionalidade e estado civil, podemos identificar, também, a existência de deficiências físicas, e ainda, se são alfabetizadas, a sua prole e as pessoas com as quais residiam, pois, como analisa Volpato, numa casa ou barraco podiam morar muitas pessoas, mesmo não sendo parentes:

Era comum muitas pessoas morarem juntas na mesma casa, mesmo que não fossem ligadas por laços de parentesco (...) A acomodação de várias pessoas na mesma casa era uma forma de enfrentar a pobreza; além do abrigo, era buscada a solidariedade própria das pessoas que vivem juntas (VOLPATO, 1993, p. 200).

Era principalmente no II Distrito, por ser um distrito de população mais pobre, que se encontrava um grande número dessas residências, digamos *coletivas*. Encontramos casos de mulheres e homens que residiam em um mesmo domicílio, levando a crer que viviam em concubinato, ou seja, viviam em união não legalizada pela Igreja Católica e pelo Estado. Notamos, nesses domicílios várias crianças que podem ser frutos dessas uniões. Como exemplo, temos o caso de Maria Vicência Nogueira, que residia no mesmo domicílio com Maximiano José de Oliveira, alferes do Exército, juntamente com mais quatro crianças menores de nove anos, com sobrenomes distintos. Tais dados podem indicar que se tratava de uma família, pois nem sempre os filhos tinham o sobrenome dos pais. Para comprovar essa hipótese será necessário, posteriormente, verificar nos livros de registros paroquiais os assentos de batismos dessas crianças, para confirmar sua filiação.

A imigração paraguaia para Mato Grosso ocorreu principalmente depois de 1870, com o final da mais sangrenta das guerras ocorridas na América do Sul. Essa guerra ficou conhecida como *Guerra do Paraguai*, sendo, no entanto, uma guerra com ou contra o Paraguai, pois este foi o país que mais sofreu com o confronto. Enquanto o Brasil sofreu uma baixa estimada por alguns historiadores em 50 mil brasileiros, número questionado por alguns estudiosos do tema, o Paraguai sofreu uma perda de

aproximadamente 600 mil paraguaios, além dos 140 mil quilômetros de terras perdidas para o Brasil e a Argentina, e o pagamento de indenização aos vencedores, dívida, entretanto, que no tocante ao Brasil foi perdoada (DORATIOTO, 2002, p. 461).

O Paraguai, antes da guerra, havia atingindo um nível de desenvolvimento muito além dos seus vizinhos, e praticamente tinha eliminado a miséria, viu-se depois do confronto completamente destruído. Sua população era estimada em torno de 800 mil habitantes, restando apenas 194 mil após a guerra: 96% dos homens e 55% das mulheres morreram no período de confronto. Porém, esses números também são contestados, Doratioto apresenta uma discussão feita por alguns estudiosos do tema, que negam essa quantia de mortos, e essa estimativa da população paraguaia. Deve ser levado em consideração também, que nem todas essas mortes ocorreram em combate, muitos *morreram de fome, doenças ou exaustão decorrente da marcha forçada de civis para o interior, ordenada por Solano Lopes* (DORATIOTO, 2002, p. 456).

O pouco que restou da população estava vivendo numa situação de miséria, e de alguma maneira tinham que refazer suas vidas, neste sentido, a emigração era uma alternativa, especialmente para o Brasil e para a Argentina. No caso do Brasil, especificamente para a Província de Mato Grosso, com a abertura da navegação pela bacia platina. Entretanto, embora o governo provincial estivesse incentivando a imigração para Mato Grosso, os paraguaios não eram exatamente o tipo *ideal* desejado. Siqueira, utilizando os dados e a análise de Corrêa sobre a imigração paraguaia em Corumbá diz que:

Esse movimento de Assunção para Corumbá não surtiu o efeito desejado, qual seja, a fixação definitiva de um contingente humano que pudesse dedicar-se aos trabalhos agrícolas (...), o agente de imigração reclamava contra a qualidade dos paraguaios, elementos cheios de vícios e maus hábitos, especialmente as mulheres (SIQUEIRA, 2000, p. 66).

Ainda segundo Siqueira, as autoridades provinciais acu-

savam as mulheres paraguaias de devassidão, desordens, desmoralização e também de ter trazido para Corumbá doenças infecciosas como a sífilis.

Em Cuiabá, esses imigrantes paraguaios viviam, em sua maioria, em bairros periféricos da cidade, juntamente com o restante da população pobre (VOLPATO, 1993, p. 207). Das 116 mulheres paraguaias recenseadas em 1890, 52 delas não apresentaram nenhuma profissão, sendo ainda 24 solteiras e na sua maioria vivendo sozinhas ou na companhia de outras mulheres e crianças. Este pode ser um indício, de que levavam uma vida *fácil* ou seja, viviam da venda de seus corpos, pois de alguma maneira tinham que ganhar a vida.

O quadro número 1 ilustra a afirmativa:

Quadro 1

Mulheres paraguaias residentes nos I e II Distritos de Cuiabá, por profissão – 1890

| I e II Distritos / Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá / São Gonçalo de Pedro II | | | |
|---|---------------|---------------|------------|
| Mulheres paraguaias | | | |
| Cor e Estado Civil | Com profissão | Sem profissão | Total |
| Pardas solteiras | 42 | 24 | 66 |
| Pardas casadas | 05 | 10 | 15 |
| Pardas viúvas | 07 | - | 07 |
| Branças solteiras | 07 | 07 | 14 |
| Branças casadas | 01 | 12 | 13 |
| Branças viúvas | 01 | - | 01 |
| Total | 64 | 52 | 116 |

Fonte: Recenseamento de 1890, I e II Distritos de Cuiabá-MT (Livros manuscritos)

Analisando o censo demográfico de 1890 do 1º e 2º Distritos de Cuiabá, Sé e São Gonçalo, foi constatado um percentual mais elevado de mulheres paraguaias em relação a estrangeiros de outras nacionalidades, como já foi demonstrado por Peraro (2001). Corumbá e Cáceres, cidades portuárias de Mato Grosso, também receberam um grande contingente de paraguaios, mas no momento trabalharei na análise das mulheres paraguaias na então capital do Estado, lembrando que a proclamação da Repú-

blica ocorreu um ano antes da realização do censo analisado.

Foram encontradas 52 paraguaias no I Distrito da Sé, sendo que apenas 10 delas aparecem recenseadas como casadas, 38 solteiras e 4 viúvas. Em relação ao II Distrito, os números são os seguintes: 18 casadas, 42 solteiras e 4 viúvas, sendo ao todo 64 mulheres paraguaias. Desta forma, as mulheres paraguaias representavam 0,76% da população do I Distrito, enquanto no II Distrito, o percentual era de 3,26%. Todavia, não podemos esquecer que no II Distrito, pelo fato de o livro manuscrito não estar completo, provavelmente, o percentual de paraguaias fosse mais elevado.

A respeito dos imigrantes paraguaios masculinos, o número não é tão expressivo, nos censos constam apenas 9 homens no 1º Distrito e 11 no 2º, dados que mesmo ínfimos reforçam a superioridade da população feminina no Paraguai.

Um aspecto que me chamou a atenção nos dados encontrados no censo em estudo, dizia respeito à diferença numérica entre as mulheres paraguaias brancas e pardas.

Quadro 2

Mulheres paraguaias residentes nos I e II Distritos de Cuiabá, por cor e estado civil – 1890

| I e II Distritos / Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá / São Gonçalo de Pedro II | | | |
|---|----------------------|----------------------|--------------|
| Mulheres paraguaias | | | |
| Cor e Estado Civil | Com profissão | Sem profissão | Total |
| Pardas solteiras | 32 | 34 | 66 |
| Pardas casadas | 02 | 13 | 15 |
| Pardas viúvas | 03 | 04 | 07 |
| Branças solteiras | 06 | 08 | 14 |
| Branças casadas | 08 | 05 | 13 |
| Branças viúvas | 01 | - | 01 |
| Total | 52 | 64 | 116 |

Fonte: Recenseamento de 1890, I e II Distritos de Cuiabá-MT (Livros manuscritos)

Por este quadro, podemos perceber que apenas 17,04% das mulheres paraguaias consideradas pardas são casadas, enquanto o percentual sobe para 46,42% em relação às consideradas brancas, sendo que, o maior número delas, encontra-se na Sé, I Distrito.

Percebemos que dentre as 15 paraguaias consideradas brancas no I Distrito da Sé, 8 são casadas, 1, viúva e 6, solteiras, enquanto das 37 mulheres pardas, apenas duas são casadas, 3, viúvas e 32, solteiras. Esses dados me levaram a fazer alguns questionamentos, como por exemplo: essas mulheres eram realmente brancas? Ou, o fato de algumas mulheres serem casadas com militares graduados lhes dava o *status* de brancas? Esse pode ser o caso de Maria do Rosário Moutiers de Castro e Silva, recenseada como branca, casada com o capitão do Exército Geographo de Castro e Silva, e de Claudia Búlgara de Oliveira, também considerada branca, casada com outro capitão do Exército Heleodoro Joaquim de Oliveira.

Interessante observar que é bastante comum encontramos casos de mulheres paraguaias casadas, em que não constam os nomes de seus maridos nas residências em que estas habitam. Dentre as 18 residências de mulheres paraguaias casadas do Distrito de São Gonçalo, encontradas no recenseamento, em apenas seis delas constam os nomes dos *aparentes*² cônjuges, significando então, que em 12 domicílios aparecem apenas os nomes das mulheres e em muitos casos os nomes de várias crianças. Como exemplo, temos Maria do Rosário Esquibel, 18 anos, branca, residente na casa nº 101 do mesmo distrito, e, com ela, encontramos residindo duas crianças, Pedro Pereira da Rocha, de 11 anos, e José Pereira da Rocha, de 7 anos. Caso semelhante é o da paraguaia Maria Evangelista da Costa Leite, 16 anos, sem profissão, e que reside com mais 4 crianças, de 11, 6, 3 e 1 anos, respectivamente. Seriam essas crianças filhas do marido de Maria do Rosário e de Maria Evangelista? Ou seriam seus irmãos?

Temos ainda o caso de Bernarda de Arruda, 25 anos, parada, casada, e residindo sozinha na cabana de número 25, no II Distrito de São Gonçalo.

2 Digo aparente, pois no censo não estão relacionados os nomes dos cônjuges.

Além das indagações feitas acima, temos outras: onde estavam esses maridos? Estariam trabalhando fora da cidade? Ou eram listados apenas os moradores que estivessem na residência no momento da realização do recenseamento? Essas são indagações que merecem ser investigadas.

No Distrito da Sé, esse número não é tão expressivo, pois, dentre as 10 residências em que aparecem mulheres paraguaias casadas, em apenas 4 casos não constam os nomes dos *supostos* maridos, o que significa 40% dos domicílios. Esse número sobe para 67% no II Distrito.

Podemos aventar a possibilidade de que em Cuiabá as mulheres paraguaias casadas, em sua maioria, chefiavam seus domicílios. Esses domicílios femininos apresentavam-se habitados predominantemente por mulheres e crianças. Se considerarmos que esta é uma sociedade na qual o casamento tendia a ser o ideal buscado por todos, e que seguindo a historiografia, as mulheres que estavam assumindo a liderança de domicílios eram especialmente aquelas colocadas em *situações de risco* para os padrões da época, ou seja, as solteiras, em sua maioria com filhos, e as viúvas, é bastante curioso observarmos o expressivo número de mulheres paraguaias casadas à frente de seus domicílios. Estou considerando que, a ausência desses *maridos*, nesses domicílios, implica numa liderança das mulheres.

Botelho (2001, p. 101) afirma que *estes achados parecem reforçar a visão geral acerca da presença ativa de mulheres na sociedade imperial, embora se reconheça uma maior precariedade da sobrevivência destas mulheres alçadas à chefia de domicílios*. Embora o autor esteja se referindo a domicílios chefiados por mulheres em Goiás, podemos muito bem transpor sua análise para Cuiabá, pois em meados do século XIX a realidade vivenciada por essas duas províncias era muito parecida.

A valorização dos militares é acentuada com a Guerra com o Paraguai, pois esta exerceu profunda influência sobre todos os que dela participaram. Os militares se apossaram de um sentimento de distinção de classe, de superioridade fren-

te aos civis³. Não tenho a pretensão de discorrer sobre a Guerra com o Paraguai ou sobre a questão militar, o objetivo é unicamente demonstrar que pode haver uma estreita relação com o fato de todas as mulheres paraguaias casadas com militares graduados encontradas no censo serem consideradas brancas pelos recenseadores.

Em relação à alfabetização, percebemos que a maioria das mulheres paraguaias não sabia ler. No Distrito da Sé é expressivo o número de brancas que sabiam ler em comparação com as pardas.

Quadro 3

Mulheres paraguaias residentes nos I e II Distritos de Cuiabá, por instrução – 1890

| I e II Distritos / Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá / São Gonçalo de Pedro II | | | | | |
|---|-----------------|-------------|---------------------------------------|-------------|------------|
| Mulheres paraguaias | | | | | |
| Cor e Estado Civil | I Distrito - Sé | | II Distrito - São Gonçalo de Pedro II | | Total |
| | Sabem ler | Ñ sabem ler | Sabem ler | Ñ sabem ler | |
| Pardas solteiras | 03 | 29 | 02 | 31 | 65 |
| Pardas casadas | - | 02 | 03 | 10 | 15 |
| Pardas viúvas | - | 03 | - | 04 | 07 |
| Branças solteiras | 04 | 02 | 01 | 08 | 15 |
| Branças casadas | 06 | 02 | - | 05 | 13 |
| Branças viúvas | 01 | - | - | - | 01 |
| Total | 14 | 38 | 06 | 58 | 116 |

Fonte: Recenseamento de 1890, I e II Distritos de Cuiabá-MT (Livros manuscritos)

Por sua vez, no II Distrito, são inexpressivas as mulheres com algum grau de instrução. Entretanto, esse é um dado bastante comum, considerando-se que a educação, neste período, não era considerada uma necessidade para as mulheres. Devemos levar em conta outras fontes a serem levantadas, o que possibilitará novas reflexões. Uma fonte importante, por exemplo, que pode ampliar esse número de imigrantes paraguaios, consti-

3 Sobre esse assunto ver o livro de COSTA, Wilma Peres. **A espada de Dâmocles: o exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império**. 1996.

tui-se na relação de passageiros dos vapores com destino a Cuiabá e localizada no NDIHR. Através dela poderemos ter uma noção mais exata da população paraguaia que partia em direção a Cuiabá no período em estudo.

Fontes

Recenseamento de 1890. Livros manuscritos do I Distrito (Sé) e II Distrito (São Gonçalo) APMT.

Referências bibliográficas

BOTELHO, Tarcísio R. **Famílias e escravarias:** demografia e família no norte de Minas Gerais, século XIX. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo.

_____. Mulher, família e domicílio em Goiás no século XIX: Corumbá e Bonfim (1851). **História Revista.** Revista do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Goiás, Goiás, v. 6, n. 1, 2001.

COSTA, Wilma Peres. **A espada de Dâmocles:** O exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império. São Paulo: Editora Hucitec – Editora da Unicamp, 1996.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PERARO, Maria Adenir. A imigração para Mato Grosso no século XIX – Mulheres paraguayas: estratégias e sociabilidade. **Territórios e Fronteiras,** Cuiabá, v. 2, n. 1, jan./jun. 2001.

RIO DE JANEIRO, Conselho Nacional de Estatística. Serviço nacional de Recenseamento. **Legislação Básica dos Recenseamentos de 1872 e 1890.** Documentos Censitários / Série A – Número 1.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas São Paulo,** Unesp – Editora

da Universidade Federal Paulista, 1992.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Luzes e Sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870-1889)**. Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2000.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do Sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1859 – 1888**. São Paulo: Editora Marco Zero; Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1993.